



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA
LÍNGUA PARA SURDOS**

FELIPE DO NASCIMENTO FELIPE

**A FÁBULA A CIGARRA E A FORMIGA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA
ALUNOS SURDOS NA SALA MULTISSERIADA**

JOÃO PESSOA

2021

FELIPE DO NASCIMENTO FELIPE

**A FÁBULA A CIGARRA E A FORMIGA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA
ALUNOS SURDOS NA SALA MULTISSERIADA**

**TRABALHO FINAL APRESENTADO
AO INSTITUTO FEDERAL DA
PARAÍBA – IFPB COMO REQUISITO
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
ESPECIALISTA EM ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA COMO
SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS.**

Orientador: Lauro Pires Xavier Neto

JOÃO PESSOA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha do IFPB, *campus* João Pessoa

- F315f Felipe, Felipe do Nascimento.
A fábula a cigarra e a formiga como proposta pedagógica para alunos surdos na sala multisseriada / Felipe do Nascimento Felipe. – 2021.
31 f. : il.
TCC (Especialização – Ensino de Língua Portuguesa) – Universidade Aberta do Brasil - UAB / Instituto Federal de Educação da Paraíba – IFPB / Coordenação do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para surdos, 2021.
Orientação : Prof^o D.r Lauro Pires Xavier Neto.
1. Contação de histórias - literatura. 2. Prática pedagógica. 3. Leitura – inclusão de surdos. 4. Libras. 5. Fábulas. I. Título.

CDU 82-342(043)

Lucrecia Camilo de Lima
Bibliotecária – CRB 15/132

FELIPE DO NASCIMENTO FELIPE

**A FÁBULA A CIGARRA E A FORMIGA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA
ALUNOS SURDOS NA SALA MULTISSERIADA**

**TRABALHO FINAL APRESENTADO
AO INSTITUTO FEDERAL DA
PARAÍBA – IFPB COMO REQUISITO
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
ESPECIALISTA EM ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA COMO
SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS.**

APROVADO EM : 21/06/2021



**Prof. Dr. Lauro Pires Xavier Neto
(Orientador)**

Documento assinado digitalmente

gov.br

Aline de Fatima da Silva Araujo Frutuoso

Data: 07/07/2021 10:41:41-0300

CPF: 079.803.054-26

Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Profª. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo Frutuoso
(Examinadora)**



**Profª. Esp. Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro
(Examinadora)**

Resumo: Este trabalho tem como perspectiva a contação de história, onde é utilizado a fábula para auxiliar no processo de aprendizagem de crianças surdas em turma regular/ multisseriada (3º, 4º e 5º). Utilizando meios teóricos e acreditando na ideia de que estar em contato com muitas histórias contribui para o exercício da imaginação, do raciocínio, de forma que facilita a comunicação, possibilita ao aluno criar e recriar suas próprias histórias. Sentimos a necessidade de pesquisar o processo de aprendizagem de crianças surdas em uma turma regular/multisseriada por meio da contação de história. O referencial teórico para discussão da temática e análise da investigação apoiou-se nos estudos de Barbosa e Santos (2009), Basso (2011), dentre outros. O percurso metodológico dessa investigação está situado na pesquisa de abordagem qualitativa, configurando um estudo reflexivo, da prática de contação de história utilizando a fábula como método inclusivo para alunos com surdez. Desse modo, entendemos que as práticas da contação de histórias em Libras podem contribuir para a formação e a inclusão dos alunos surdos em turma regulares/multisseriadas. Essa prática se torna um meio fundamental para que os alunos surdos possam ter um maior contato com obras literárias. Quando essa mediação se dá a partir de um planejamento, momento no qual o professor terá condições de escolher, conhecer o texto profundamente, selecionar os melhores recursos que apoiarão essa prática, promovendo assim, uma interação entre toda a turma. O trabalho foi construído através da experiência vivida em uma sala de aula localizada no campo de uma cidade do interior da Paraíba, a ideia é vislumbrar a partir de um estudo teórico a possibilidade de utilizar uma linguagem simples, mesmo que seja um processo complexo que envolva respeito às estruturas textuais e temáticas, o intuito é que o professor possa estar preparado para caso tenha alunos surdos em sua turma.

Palavras-chave: Contação de Histórias.; Ensino.; Literatura.; Libras.; Inclusão

Abstract: This work aims to demonstrate how storytelling can assist in the learning process of deaf children in a regular / multiseriate class (3rd, 4th and 5th year of elementary school) of the Municipal School of Child and Elementary Education Severino Julião, located in the rural area of Alagoa Grande / PB using theoretical means and believing in the idea that being in contact with many stories contributes to the exercise of imagination, reasoning, which facilitates communication enables students to create and recreate their own stories, we feel the need to research the learning process of deaf children in a regular / multi-grade class through storytelling. The theoretical framework for discussion of the theme and analysis of the investigation was supported by studies by Barbosa and Santos (2009), Basso (2011), among others. The methodological path of this investigation is situated in the research of qualitative approach, configuring a reflective study, of the practice of storytelling using the fable as an incl method. In this way, we understand that the storytelling practices in Libras can contribute to the training and inclusion of deaf students in regular / multi-grade classes. This practice becomes a fundamental means for deaf students to have greater contact with literary works. When this mediation is based on planning, moment when the teacher will be able to choose, know the text deeply, select the best resources that will support this practice, thus promoting an interaction between the whole class. The work was built through the experience lived in a classroom located in the countryside of a city in the interior of Paraíba, the idea is to envision starting from a theoretical study the possibility of using a simple form of teaching so that the teacher can be prepared if he has deaf students in his class. Keywords: Storytelling .; Teaching.; Literature.; Pounds .; Inclusion.

2.1. INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias não se resume a decodificar e verbalizar uma estrutura linguística. É um processo complexo que envolve o respeito às estruturas textuais e temáticas, a compreensão das estruturas profundas do texto -e que considera a história de vida do leitor, transformando-se em repertório de experiências e saberes que passa de geração a geração. As histórias -provocam vários sentimentos nas pessoas principalmente nas crianças que são involuntariamente envolvidos com diversas sensações entre eles alegria, fantasias, curiosidade que inconseqüentemente dão as crianças o prazer e o gosto pela leitura possibilitando os mergulhar no mundo através dos conhecimentos que são repassados pelas literaturas. (BARBOSA E SANTOS, 2009.)

No entanto, quando a atividade de contação de histórias é destinada a crianças surdas, verificamos que faltam informações básicas sobre o imaginário e fantasia dessas crianças, bem como sobre a cultura e sua língua de sinais. As referências existentes carecem de uma maior estrutura, apoio linguístico - considerando a particularidade do Surdo - e divulgação, para que os profissionais tomem conhecimento e acesso para sua prática pedagógica de forma adequada.

Este trabalho parte da compreensão que, desde muito cedo, a prática de contação de histórias esteve presente na vida humana, posto que o homem sempre sentiu a necessidade de partilhar seus costumes, suas crenças e as suas culturas. Com tal tradição, as histórias orais foram surgindo e, com o passar dos tempos, sendo transmitidas como herança familiar (COELHO, 1991).

Quando analisamos estas práticas em âmbito educacional, observamos que a contação de histórias nas escolas, surge como uma forma de distrair as crianças e, com o passar dos tempos, ela passa a ser compreendida como importante momento de ensino e aprendizagem. A partir do momento em que as práticas de contação se solidificam nas escolas que essa prática se solidifica no contexto escolar, surge, com isso, a figura do contador de histórias como um profissional relevante para a realização desta prática.

Com base nisso, este trabalho enfatiza a importância do imaginário como algo essencial para construção da identidade da criança surda no mundo que o rodeiam. O adulto como narrador-intérprete da história pode utilizar sua imaginação e sensibilidade para doar vida

e autenticidade aos personagens através dos recursos visuais juntamente com a Libras as crianças surdas, tornando-os reais. Enquanto as crianças surdas, por sua vez, têm a oportunidade de recriá-los, segundo sua própria criatividade, fantasia e criticidade de forma natural, neste caso com a Libras.

O tema desta pesquisa é voltado para “A Contação de Histórias como Recurso Pedagógico em uma Turma regular/ multisseriada do município de Alagoa Grande/PB através de uma visão teórica.” De acordo com a pesquisa visualizamos a problemática central, que é voltada sobre a perspectiva de *como a contação de história -pode auxiliar no processo de aprendizagem (ou inclusão) de crianças surdas em uma turma regular/ multisseriada de Alagoa Grande/PB de modo teórico*. A partir disto, temos o objetivo geral que trata de compreender como a contação de histórias pode auxiliar no processo de aprendizagem- (ou inclusão) de crianças surdas em uma turma regular/ multisseriada sempre utilizando uma visão teórica como modo de investigação. E para auxiliar a investigação temos os objetivos específicos: apresentar uma proposta de ensino de literatura em libras por meio da contação de história; avaliar a contação de história como recurso pedagógico em uma turma regular/ multisseriada com crianças surdas; pesquisar a influência da contação de história no processo de aprendizagem (ou inclusão) da criança surda.

A metodologia utilizada neste trabalho-consiste em uma abordagem qualitativa do tipo exploratória. Marconi e Lakatos (2011, p. 269) descrevem que:

O método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados. A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.

Diante disto é possível dizer que a observação, o convívio, e as relações humanas em que o pesquisador e o pesquisado podem apresentar interesses comuns, guiam a pesquisa através de um olhar que ser decisivos para a construção da problemática, mesmo -que possuindo experiências diferentes, de acordo com o contexto em que estão inseridos. Isso envolve a cultura, os valores e a experiência.

O estudo também foi identificado como uma pesquisa bibliográfica, pois segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um

determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

A metodologia será dividida entre a experiência vivida pelo pesquisador na atuação da prática como professor, mas é na pesquisa bibliográfica que será fundamentada a pesquisa, utilizando artigos, livros, pesquisa documental, entre outros. A sua utilização como forma metodológica possibilita aos participantes condições de compreender sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva.

As nossas motivações pelo estudo em questão surgiram quando entrei no curso de Pedagogia e comecei a trabalhar como voluntário no laboratório o Graãozinho, que trabalha recebendo as escolas do município de Bananeiras/PB e cidades circunvizinhas da Região na qual está localizado o Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA/UFPB).

Hoje, referente à prática da contação de história na Educação Infantil, mais concretamente como o professor realiza essa contação dentro da sala de aula, quais recursos utiliza e se conta a história pelos seus próprios benefícios e não somente para realização de outras atividades. Já para o Trabalho final do Curso de Especialização – TCC, vamos continuar com a mesma temática de contação de história, só que o foco principal será as crianças surdas.

A nossa vivência com a contação de história nos instigou a pesquisar como seria o desenvolvimento dos estudantes surdos, uma vez que houvesse uma interdisciplinaridade dessa metodologia com algumas áreas do conhecimento. As histórias despertam no espectador a imaginação, a emoção e o fascínio da literatura. Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar pela história, pela leitura, mas na maioria das salas de aulas, essa metodologia é utilizada para introduzir um novo assunto em sala.

A fundamentação teórica será dividida em três (03) partes: a primeira traz um apanhado sobre a escola que foi inspiração para a pesquisa, a segunda traz um pouco da literatura surda e o uso da fábula para chegar a um ensino inclusivo. A terceira parte deste capítulo apresenta a utilização da fábula como método de ensino multisseriado e a inclusão dos alunos surdos.

1. AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA

1.1 A escola investigada

Neste tópico será apresentado o histórico e a infraestrutura da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Severino Julião, localizada na Zona Rural do Município de Alagoa grande /PB, mas precisamente no Sítio Sapé de Julião. Os dados foram coletados através das informações obtidas através do PPP (Projeto de Político Pedagógico) escola.

De acordo com o levantamento, descobrimos que a Escola foi construída na gestão do prefeito João Bosco Carneiro em convênio com Ministério da Educação - MEC em 1974. Quarenta e quatro anos depois a Escola foi reformada e ampliada na administração do prefeito Antônio da Silva Sobrinho. Antigamente, essa escola funcionava em local muito pequeno para se chamar de escola, mais para comportar a demanda de aluno, ela contava com mais dois prédios alugados pela prefeitura que era a associação dos moradores e o prédio onde funcionava o posto de saúde da comunidade.

A escola atende crianças oriundas de famílias de baixa renda e principalmente, crianças advindas do campesinato. As razões que me levaram a optar por desenvolver a pesquisa nessa escola foi o fato de atuar como professor nessa instituição, conhecer a realidade e o currículo da instituição e ter acesso aos professores que nela atuam. Mesmo não tendo alunos surdos no momento, acreditamos que precisamos estar preparados para todas as possibilidades no universo educacional.

1.2 Entre as dificuldades de ensino e a busca da inclusão em turmas multisseriadas.

As classes multisseriadas trazem uma nova dificuldade para a atividade docente: como trabalhar em uma sala extremamente heterogênea contemplando todos os alunos, independente do nível de conhecimento de cada um.

Nesse contexto, a maioria dos professores têm dificuldades de realizar atendimento individual aos estudantes e planejar as aulas. A falta de material didático e bibliotecas no ambiente rural também é um entrave rotineiro na realidade das classes multisseriadas. Entre os diversos desafios do ato de planejar, o professor que trabalha com alunos de turmas diferentes ainda enfrenta o grande problema que é o ato de planejar para alunos de diferentes séries em uma mesma sala. Para Hage (2006):

No caso da condução do processo pedagógico, os professores se sentem angustiados quando assumem a visão da multisserie e tem que elaborar tantos planos e estratégias de ensino e avaliação diferenciados quanto forem às séries reunidas na turma; ação essa, fortalecida pelas secretarias de educação quando definem encaminhamentos pedagógicos e administrativos pedagógicos. (HAGE, 2006. p.4).

Desta forma, o desafio de planejar para uma sala multisseriada e com aluno com necessidade especial é somar tempo e conteúdo revertendo em ensino aprendizagem com resultados equivalentes a um planejamento para uma sala seriada.

De acordo com Gandin (2014) “É fundamental pensar o planejamento como uma ferramenta para dar mais eficiência à ação humana, o planejamento facilita as decisões e lhes dá consistência e auxilia na organização da prática”. Ainda de acordo com Gandin (2014, p.102):

É imprescindível avaliar a prática, comparando-a com o projeto pedagógico que se elaborou e analisar a realidade para descobrir a distância que se está daquele ideal proposto e para ver que possibilidade e que limites temos para a caminhada na direção daquele horizonte. (GANDIN, 2014. p.102)

É notório que existem muitas críticas a respeito da prática utilizada em sala de aula que contém alunos surdos, mas deveríamos observar atentamente as dificuldades encontradas para encontrar a forma de chegar na direção mais efetiva e inclusiva visando sempre o aprendizado do aluno independente da sua limitação

Portanto, o professor não exerce só sua profissão mais também os outros cargos da escola, ficando impossibilitado de se dedicar unicamente a aprendizagem dos alunos, sem falar que muitos desses profissionais são contratados e dependem das questões políticas.

O docente pode desenvolver o ensino-aprendizagem na relação entre aluno-aluno, aluno-professor, interagindo e estabelecendo uma pedagogia contaminada de esperança, fazendo da sala de aula, um lugar adequado para se aprender, crescer e construir o conhecimento. Trabalhar o contexto das crianças e jovens do campo requer competência e habilidades para que os estudos tenham conexão entre suas vidas e o que se é ensinado.

Em relação ao tratamento das pessoas com deficiência, temos o estatuto da pessoa com deficiência que está destinado a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência. (BRASIL,2015). Por isso, podemos observar certo avanço na sociedade, onde melhorias e preocupações fizeram com que, atualmente, a pessoa deficiência seja visto como um cidadão dotado de direitos e deveres. Em estudos feitos sobre a idade média a pessoa com deficiência era excluído da sociedade e perseguido.

Hoje existem muitas leis e decretos que estão a favor das pessoas com necessidades educativas especiais, e regulamentam muitos direitos designados a mudar a vida do sujeito com alguma necessidade educacional específica, porém, nem tudo que é especulado no papel, é feito de fato na vida real. No nosso entendimento ainda não se vê a capacitação necessária para que saibamos agir com esses indivíduos de forma positiva, já que não vemos educadores capazes de se comunicar com alunos surdos, e muito menos temos intérpretes nas redes educacionais. Sabemos que o dever de oferecer uma educação de inclusiva e de qualidade parte do governo, mas a escola pode tentar viabilizar aos educandos o máximo que puderem de uma educação inclusiva com aquilo que já possuem e fazerem os educandos sentir-se parte da sociedade, pois é o que eles verdadeiramente são. A esse entendimento Montoan nos lembra que,

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos (MONTAAN, 2003, p. 12).

Neste sentido, o maior desafio do docente em sala de aula é lidar com a diversidade, pois tenham acessibilidade, pois sem ela não há inclusão.

A fim de assegurar os direitos a uma educação que abarcasse as necessidades de muitos têm medo ou até mesmo se sentem despreparados, para trabalhar com a diferença. Sabe-se que a formação dos professores no que se refere à inclusão ainda é insuficiente, pois necessitamos fazer adaptações neste meio para que o aluno com necessidades educativas especiais

aprendizagem, leis, tais como as Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 reconhece a LIBRAS como língua da comunidade surda (BRASIL, 2002) e Lei Nº 13146, de 06 de julho de 2015 Lei referente a inclusão da pessoa com deficiência (BRASIL 2015) foram sancionadas visando ao acesso e permanência das pessoas surdas nas escolas, inicialmente o reconhecimento de que os surdos têm sua língua natural e que podem utilizá-la e ser educados primeiramente por meio dela, apesar de na maioria das escolas ainda não ser uma realidade.

e Comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza Visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem [sic] um Sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de Comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

A partir desta lei uma nova fase começa a ser vivenciada pela comunidade surda. Os surdos, assegurados por ela, estão conquistando mais direitos de expressão em sua língua natural. Novas leis vieram subsidiar esse processo, dentre elas a Lei Nº 13146, de 06 de julho de 2015 que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa

com Deficiência), na qual no Capítulo IV, artigo 28, inciso IV dispõe a “oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” (BRASIL, 2015), apesar de na maioria das escolas ainda não ser uma realidade.

2.LITERATURA INCLUSIVA

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI - temos em seu interior uma diretriz com o intuito de contribuir com as instituições embasado no planejamento desenvolvimento e avaliação de práticas educativas. No que concerne a respeito da construção das diferentes linguagens das crianças encontramos no terceiro volume desse mesmo documento.

Segundo Coelho (1991) quando contamos uma história, sejam incentivados a recontar o que ouvirem. No entanto, importante que tenho tempo para pensar, refletir e questionar, de forma que se sintam livres para modificar a trama da história se assim acharem devem. Por assim dizer, levamos em consideração que neste momento de alterações que podemos constatar o desenvolvimento do poder de observação e imaginação das crianças. Por isso, atividade de Contagem recontar segundo Coelho (1991) influencia a criança a pensar sobre os conceitos valores expostos pela narrativa.

As narrativas da literatura infantil para indivíduos surdos, visa a capacidade de utilizar um método possível de ser visto em português e simultaneamente interpretadas em Libras (observar o livro em anexo), constitui um recurso metodológico que contribui para a integração sociocultural do indivíduo surdo, a partir da criação dos significados do seu imaginário. Sobre as questões que envolvem a aquisição da linguagem do surdo, Rosa observa que:

[...] a maioria dos pais não sabe como ensinar as crianças surdas, pois não sabem muito bem a LIBRAS, o que dificulta a comunicação e com isso a transmissão de informação. Além disso, não têm disponibilidade para trabalhar com seus filhos. Em geral, os pais sempre levam e buscam os filhos da escola, depois voltam para casa, deixam sozinhos os filhos durante as brincadeiras realizadas de casa. O ambiente familiar, geralmente, não proporciona o aprender e o desenvolvimento da leitura e da escrita. Mas isso não é só uma questão de tempo, pois também esse problema ocorre em famílias as quais os pais não trabalham. O aprendizado da escrita e da leitura surge, muitas vezes, de situações em que a hora do conto é realizada nos lares (ROSA, 2006, p. 61).

Muitas vezes pela falta de conhecimento sobre Libras dos pais que tem uma criança surda, resvala na limitação -da criança surda, em relação às informações sobre o meio, advém da dificuldade de comunicação, culminando numa redução de significados em seu imaginário

e, conseqüentemente, na limitação de sentido sociocultural. De acordo com Strobel (2009), crianças surdas filhas de pais surdos, têm contato mais precoce com a língua de sinais, o que favorece sua capacidade de comunicação. Esses indivíduos têm melhor desempenho na escola, mais habilidade na aprendizagem da modalidade escrita da língua oral, bom relacionamento social e afetivo.

Nesse contexto, a literatura surda pode transformar a realidade do indivíduo, possibilitando-lhe maior reflexão sobre o real. Segundo Felício (2014, p. 23), “os contos em língua de sinais tecidos por dessa comunidade, sendo forma de expressão e manifestação de identidade”. É necessário compreender que essa identidade surda, identidade visual é o que caracteriza a comunidade surda e a diferencia das demais comunidades minoritárias. Em suma, é importante considerar que dentro da cultura surda é pelo olhar que o sujeito surdo apreende e compreende o mundo no qual está inserido (PLAZA, 2003). De maneira que é possível dizer que para criança surda, o “olhar” vai além de própria visão, vai constituir e construir a significância do seu processo de pensar.

O texto literário estimula o surdo a expressar suas emoções, a estabelecer relações com sua comunidade, cultura e identidade. A pessoa surda se identifica com fatos ficcionais e, por meio da literatura, adquire novos conhecimentos sobre a cultura de sua comunidade.

Segundo o RCNEI, as crianças “constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação” (BRASIL, 1998, p.21). Podemos relacionar facilmente essa visão com a afirmação sócio interacionista de Vygotsky (1998) sobre a construção do conhecimento numa relação de interação social entre professor e aluno, a partir do uso da literatura infantil na educação de indivíduos surdos.

Podemos afirmar, portanto, que o conto literário contado promove grande influência sobre o imaginário da criança, seja ela surda ou não, possibilitando momentos de fantasia, de criação, significação e ressignificação da narrativa. Também atua favorecendo a percepção sociocultural.

2.1 A arte de contar história e a utilização da fábula.

Desde a antiguidade o homem percebeu que o ato de contar histórias era capaz de ganhar atenção dos ouvintes, bem como admiração e aprovação. Aos poucos, o contador de histórias foi ganhando espaço e se tornando o centro da atenção do povo. Ainda nesta mesma

época, este método era utilizado para anunciar as doutrinas religiosas budistas, contos eram apresentados com conteúdos religiosos.

Referentemente, a história da leitura, tem se dedicado a compreender momentos determinantes que causaram verdadeiras revoluções nas formas de ler na história do mundo ocidental. Segundo Lopes e Galvão (2001, p. 60-61):

O impacto da invenção da imprensa, a passagem da leitura extensiva para a intensiva, as consequências da expansão da escolarização e da organização dos sistemas de ensino para as práticas de leitura e, mais recentemente, as repercussões provocadas pelos meios eletrônicos nas formas de ler e na relação das pessoas com o escrito. Mesmo assim, os leitores, as maneiras como se lia e como eram os processos de apropriação das leituras permanecem, em grande medida, desconhecidos, pouco palpáveis, fugidos, imponderáveis (LOPES E GALVÃO, 2001, p. 60-61).

—Muitas mudanças ocorreram quando se fala em educação. Por tal motivo uma das maiores preocupações atuais está em formar cada vez mais, alunos preparados para enfrentar os desafios cotidianos da atualidade enquanto cidadãos autônomos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Para tanto, o conhecimento e o contato com os livros deve começar desde cedo, ainda na primeira infância, além da leitura no livro impresso o desenvolvimento infantil requer a prática de cantigas, contos, conversas, jogos, brincadeiras e etc.

A partir do pressuposto de que a criança é um ser curioso, observador, descobridor, capaz de atitudes e ações jamais imagináveis a uma pessoa tão pequena, seja ela movida por uma ação de solidariedade, ou pela descoberta, que faz, ao perceber que consegue realizar sozinha uma atividade ou desafio escolar. Para tanto, ao ser motivada pela ação da contação de história a criança, sente-se instigado a ouvir, a querer saber o fim da história, nesse processo a atenção e a imaginação são ativadas. Otte e Kovaes (2008, p.4) afirmam que:

O significado de escutar histórias é tão amplo... É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história (cada um a seu modo...). E assim esclarecer melhor os nossos ou encontrar um caminho possível para a resolução deles... É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar (OTTE E KÓVAES, 2008, p. 4).

Diante das palavras dos autores, pode-se perceber que por meio da contação de histórias, tem-se um leque de oportunidades tanto de conhecimento como de aprendizagem, embutidas em ações simples, seja para o professor que é o maestro responsável para dinamizar o processo, bem como pelo aluno, que por sua vez, é o partícipe principal. Ao despertar a capacidade de pensar, sugerir, imaginar-se dentro da história, gera-se uma máquina de emoções e criação imersas no mundo imaginário de uma criança. Concordamos com Barbosa e Santos (2009, p.24) quando afirmam que:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (BARBOSA E SANTOS, 2009, p. 24)

Observamos a importância do ‘ouvir histórias’. Este é um caminho para iniciar a aprendizagem de futuros leitores de forma prazerosa, motivadora, inovadora, estimulando-os a novas descobertas e conhecimentos. A formação de novos e assíduos leitores se inicia com o toque, com o gesto, com o gostar, mas, além de tudo, com o incentivo e a persistência.

Se o educador usar o conto de histórias para proporcionar um momento de feedback, ele pode proporcionar aos seus alunos a liberdade de expressar sua compreensão da história, também compartilhem novas experiências, treinem a memória e experimentem o uso da “língua” em toda a sua estrutura. De forma a utilizar a fábula como vínculo literário, pois segundo Silva:

A fábula é um gênero literário, classificado como épico/narrativo, de origem antiga, traz consigo uma forma divertida com curtas histórias, na maioria das vezes os personagens são animais, o que facilita a criança “mergulhar” no mundo da imaginação e, concomitantemente, em um mundo de valores, a partir da moral da história. (SILVA, p.4)

A fábula é considerada das formas mais antigas de se contar histórias. Seu criador é Esopo, um escritor muito sábio da Grécia Antiga (século VI a.C) que escolhia animais, como raposas, tartarugas, lebres, formigas e cigarras para personagens. Através deles, as histórias podiam retratar as atitudes das pessoas de sua época e mostrar o que era certo e o que era errado. Por isso, algumas fábulas são chamadas de “Fábulas de Esopo”. Mas também muitos outros escritores dedicaram-se a esse tema e ficaram mundialmente famosos, como o latino Fedro (15 a.C. – 50 d.C.) e o francês Jean de La Fontaine (1621 – 1695). Hoje, as fábulas foram modernizadas para atrair os pequenos leitores e recontadas por novos autores.

3. PRÁTICAS PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM POR MEIO DA LITERATURA UTILIZANDO A FÁBULA COMO MÉTODO DE ENSINO.

Neste capítulo iremos apresentar a utilização da fábula -como método de ensino para salas multisseriadas e a inclusão dos alunos surdos. Uma vez que compreendemos ser a literatura infantil de suma importância no desenvolvimento das crianças. E que a comunidade surda usa e valoriza a literatura para expressar-se e desenvolver sua cultura, identidade e alteridade, entendemos ser de urgente a busca por estratégias literárias acessíveis as crianças surdas em classes inclusivas da rede regular de ensino. Estratégias que promovam o acesso à literatura enquanto possibilitam o desenvolvimento cultural e respeito linguístico desta.

3.1 Utilização da Fábula como método de -ensino da língua portuguesa.

Tornou-se de extrema importância o professor repensar a sua prática de ensino, reconhecendo as diversas dificuldades existentes em cada aluno, pois se sabe que cada um tem suas limitações com ritmos e dificuldades diferentes no que se refere à aprendizagem. Assim, o professor munido de estratégias condizentes para ser capaz de obter objetivos precisos referentes ao ensino da literatura. Pois é visível a necessidade de promover a facilitação da aprendizagem da Língua Portuguesa escrita como segunda língua pelo aluno surdo, no ambiente da sala de aula. Tendo dito isto levamos em consideração Fernandes (2006, p. 16) quando afirma que “para os surdos, aprender a escrita significa aprender a língua portuguesa: escrita e língua fundem-se em um único conhecimento vivenciado por meio da “LEITURA”

Tendo em vista tais considerações, é possível optar por uma metodologia dinâmica e de cunho lúdico, ou seja, as Fábulas no processo de desenvolvimento do ensino aprendizagem. Partindo da ideia de que as Fábulas possam dinamizar o ensino e incluir os alunos surdos. A fim de contribuir na melhoria da aprendizagem, estabelecendo campos frutíferos, pois sua inserção no ensino garante possibilidades. A fábula, através da caracterização de seus personagens e da interação interlocutiva em Libras, cria condições mediadoras para que o surdo construa conhecimentos significativos. (FERNANDES, 2006)

O objetivo é que a criança esteja em contato com o real e o imaginário, garantindo uma aprendizagem efetiva, que venha a propiciar acima de tudo o desenvolvimento e a

integração dos educandos, pois quando há contribuição nesse sentido, estamos colaborando também na formação de um cidadão apto para atuar na sociedade. No que diz respeito as Fábulas, Costa afirma que:

Esse é provavelmente o mais conhecido dos textos que circulam na escola. Contribuem para esse conhecimento à extensão (texto curto), os personagens (animais falantes na maioria), o tratamento dialógico (personagens dialogam ao longo do texto, permitindo pontos de vista diferentes), a moral explícita (às vezes implícita) no início ou no final da narrativa, que evita contradições, facilita e condiciona a compreensão do que foi lido. (COSTA, 2007 p.74).

É nesse sentido que se aprimora a questão de um ensino fazendo o uso do gênero literário Fábulas, pois se acredita que este é uma ferramenta eficaz no desenvolvimento da aprendizagem, já que desde criança ouvimos histórias onde os personagens se refletem em animais falantes, relatos de experiências humanas, conflitos existentes entre os mesmos, apresentando-se de forma curta e precisa, terminando com um fundo moral que pode ser adaptado ao mundo real.

A Fábula para fazer a interação com os alunos seria a história “A cigarra surda e as formigas” – escrita por duas professoras de surdos, Carmem Oliveira e Jaqueline Boldo, uma ouvinte e a outra surda, respectivamente –apresenta como tema a importância da amizade entre surdos e ouvintes e faz um apelo ao final da história “Amiguinhos –precisamos respeitar as diferenças.” (OLIVEIRA E BOLDO, 2002.)

Na apresentação do livro, uma das autoras enfatiza que essa história foi fruto do trabalho realizado em sala de aula, onde houve uma apresentação teatral por crianças surdas, em Libras, e também a produção do texto em sign writing (*é um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Ela expressa os movimentos, as forma das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação através de símbolos que são combinados para formar um sinal específico da língua de sinais*), e na língua portuguesa. O livro foi produzido manualmente e as ilustrações foram realizadas por um aluno surdo. Apresenta – nas páginas em terminação numérica par – três possibilidades de leitura: a) através da língua portuguesa, b) através do desenho do sinal c) através da escrita do sinal (SW). Percebemos que, no livro, não está totalmente legível a escrita dos sinais, provavelmente por ter sido produzido manualmente.

Durante a narração a estrutura da língua envolvida é transmitida naturalmente aos expectadores, que inconscientemente tem a possibilidade de abstrair novos conceitos. Tais colocações nos fazem crer que ousar da tradução do conto de histórias infantis em Libras desde

a mais tenra idade no ambiente escolar podem proporcionar o acesso à literatura, ao conhecimento e o desenvolvimento dos processos mentais complexos para as crianças as surdas que adentram na rede regular de ensino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante tudo que foi abordado e discutido nesse trabalho, observamos que os docentes das classes multisseriadas precisam se aprimorar para estarem preparados independente da dificuldade que seu aluno possa ter, mas na pesquisa podemos considerar as dificuldades em compreender de forma consciente e deliberada a LIBRAS como instrumento essencial nas contações de histórias para crianças surdas.

Sendo assim, compreendendo que é necessário partir de nós, professores, a escolha de aprender e usar a Libras como instrumento principal para termos uma ligação com os alunos surdos, de maneira a incluí-los no contexto escolar, posto que, somos os que estão diretamente ligados aos alunos e temos a capacidade de delimitar os objetivos de aprendizagem. No entanto, é necessário que o governo propicie formação adequada para que os professores de classes multisseriadas possam atender os alunos adequadamente, visando sempre o seu bem estar, sua inclusão e a cima de tudo oferecer uma educação eficiente e digna.

Concluimos que o professor contador de histórias precisa conhecer a Libras, que é A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - é a língua materna dos surdos brasileiros. Foi assim denominada durante a Assembleia convocada pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), em outubro de 1993, a Libras é uma representação da língua portuguesa através dos gestos, devido a modalidade sinalizada. No entanto, ela não é derivada do português e também não é uma língua simplificada, pois contém estruturas e processos que não se encontram no português. A Libras é uma língua completa e possui uma gramática própria e única. Libras é a língua oficial da comunidade surda brasileira, é a sua língua materna, ela deve ser ensinada como primeira língua L1 para os surdos e como segunda língua L2 para os ouvintes. Logo deve ser ensinada aos ouvintes com estrutura de ensino de segunda língua, mostrando-os também as especificidades e informações sobre a comunidade surda. Por isso se deve utilizar de métodos que chamem a atenção visual do seu aluno surdo na contação de histórias, pois trabalhar com o mesmo, é algo que demanda uma necessidade de pesquisa, dedicação e interesse, porém para que aconteça a educação lúdica, interdisciplinar e significativa. Buscando sempre inovações de ideias novas, e saber que o professor precisa ensinar o que aprende e aprender com o que ensina. Com isso é imprescindível que o professor

contador de histórias tenha conhecimento de todos os benefícios desta metodologia para o desenvolvimento infantil, e saiba utilizá-la adequadamente na sala de aula, no ensino e na aprendizagem dos educandos.

Portanto, a proposta para auxiliar os professores das classes multisseriadas está na utilização da Libras com auxílio de métodos visuais chamativos para a contação de história, porém sabemos que muitos desses professores não tem conhecimento adequado sobre a Libras, então aconselhamos que comecem do básico, adaptando histórias e aprendendo aos poucos algumas palavras em Libras. Pois o governo deveria propiciar uma formação adequada dos seus professores, visando que eles fossem capazes de se adequar a qualquer aluno, tendo ele deficiência ou não. Mas sabemos que pelas leis citadas no decorrer do trabalho a educação é para todos e deve ser inclusiva.

Por fim aconselhamos aos professores façam sua parte como educadores, procurem informações, se adaptem a sua realidade, para que possam desenvolver metodologias que promovam uma inclusão importante para a contação de histórias, tornando-as mais dinâmica e inclusiva, com a intenção de que na medida em que explora os elementos impregnados no contexto onde está sendo explorados, possa estar proporcionando um Ensinar/aprender significativo e eficaz, para todos os alunos independente de ter deficiência ou não.

REFERÊNCIA

lunos, Christiane Jaroski; SANTOS, Luciane Rodrigues da Silva. **Contação de histórias para crianças dos anos iniciais.** Revista FACEVV | Vila Velha | Número 3 | Jul./Dez. 2009 | p. 23-33.

Disponível em <<<http://www.facevv.edu.br/revista/03/artigo%20christiane%20jarosky.pdf>>> Acesso em: 01/09/2020.

BASSO, Sabrina Pereira Soares. **O material didático para alunos surdos:** a literatura infantil em Libras. 2011. 50 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

BRASIL. Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais** - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, D.F., 25 abr. 2002. p. 23. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 26 setembro 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Fundamental Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília, 1998. P.21.

Lei Nº13146, de 06 de julho de 2015. Capítulo IV: do direito à educação. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, 06 de julho de 2015, s/p. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 26 outubro 2020

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil Juvenil**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. 20ª Ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

FELÍCIO, Márcia Dilma. O Papel da Tradução e Interpretação na Contação de Histórias Pelos Surdos. IN: Estudos da Língua Brasileira de Sinais. Stumpf et all. Vol. II. Florianópolis. Insular. 2014. P.187-206

FERNANDES, Sueli F. Práticas de letramento na educação bilín-Gue para surdos. Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: http://www.cultura-sorda.eu/resources/Fernandes_praticas_letramen-tos+surdos_2006.pdf. Acesso em: 23 de junho de 2021.

GANDIM, Danilo. **O planejamento como ferramenta de transformação da prática educativa**.

Disponívelem:[www.maxima.art.br/.../planejamento_como_ferramenta_\(completo\).doc](http://www.maxima.art.br/.../planejamento_como_ferramenta_(completo).doc). Acessado em 01/09/2020.

HAGE, Salomão Mufarrej (Org.). **Educação do Campo na Amazônia**: retratos de realidades das escolas multisseriadas no Pará. 1ª Ed. Belém, 2006.

KENDRICK, Deni. Um **olhar Vygotskiano** sobre a surdez. 2010.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4ªEd. P.43 e 44.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2011.

MONTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão o que é?Por quê?Como Fazer?** 1 Edição.São Paulo,editora Moderna,2003.

MONTEIRO, Albene Lis; NUNES, Cely do Socorro Costa. **Formação continuada de professores de classes multisseriadas do campo: perspectivas, contradições, recuos e continuidades**. In: ROCHA, Maria Isabel Antunes; HAJE, Salomão Mufarrej. (Org.). Escola de direito: reinventando a escola multisseriada. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 263-282.

OLIVEIRA, Carmem Elisabete; Boldo, Jaqueline. **A cigarra surda e as formigas**. Erechim, RS: Corag, 2002. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/434051891/A-cigarra-surda-e-as-formigas-pdf> > acesso em 24/06/2021.

OTTE, Monica Weingärtner; KOVÁCS, Anamaria. **A magia de contar histórias**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. [S.l.:s.n.] [2003?] Disponível em: <<<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-02.pdf>>> Acesso em: 01/09/2020.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ROSA, F. **Literatura Surda: Criação e Produção de Imagens e Textos**. © ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.58-64, jun. 2006.

SILVA, Fernanda. **O Uso Das Fábulas No Desenvolvimento De Aprendizagem Das Crianças**. Disponível em: < [https://editorarealize.com.br/PDF www.conedu.com.br O USO DAS FÁBULAS](https://editorarealize.com.br/PDF/www.conedu.com.br/O_USO_DAS_FABULAS)> Acesso em: 23/06/2021.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora Da UFSC, 2009.

VYGOTSKY, L.S.. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO

A cigarra surda e as formigas



Autoras

Carmem Elisabete de Oliveira

- Natural de Passo Fundo. Docente desde 1980;
- Atua na Educação de Surdos desde 1997, após fazer Curso de Capacitação de Recursos Humanos em Educação Especial - Área de Deficiência Auditiva pela Universidade de Passo Fundo;
- Atualmente trabalha com Classe Especial, em Erechim;
- Formada como Intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) pela FENEIS desde 2000;
- Intérprete de LIBRAS da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Erechim;
- Formanda de Pedagogia - Anos Iniciais.

Jaqueline Boldo

- Natural de Jacutinga;
- Trabalha como Instrutora de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), junto as Classes Especiais de Surdos de 1997;
- Ministra Curso de LIBRAS pela APADA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos) Erechim;
- Tem curso de Instrutora de LIBRAS - pela FENEIS desde 2000, e Curso de Capacitação de Instrutores de LIBRAS pelo MEC em 2003;
- Formanda em Pedagogia - Anos Iniciais.



Carmem Elisabete de Oliveira



Jaqueline Boldo

A CIGARRA SURDA E AS FORMIGAS

Editoração Eletrônica: NPS Jornalismo
Rua Aires Pires, 500, Erechim- RS - Brasil - Fone: (54) 522-0601
Diagramação: NPS Jornalismo
Rua Aires Pires, 500, Erechim- RS - Brasil - Fone: (54) 522-0601
e-mail: npsjornal@brturbo.com.br
Ilustrações: Livia Roberta Lira

IMPRESSÃO:



Corag - Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas
Cel. Aparício Borges, 2199, Porto Alegre / RS
CEP 90680-570
PABX: (51) 3288-9700 - Fone/Fax (51) 3288-9718
site: www.corag.com.br



AUTORAS

Oliveira, Carmem Elisabete
A Cigarra Surda e as Formigas
Erechim, RS - Brasil

Boldo, Jaqueline
A Cigarra Surda e as Formigas
Erechim, RS - Brasil

*Karin!
Com afeto e
amizade,
abraços,
Jaqueline*

ESTE LIVRO

Vai dedicado as nossas crianças Surdas, especialmente aquelas que, pela primeira vez, formaram no teatro "A Cigarra Surda e as Formigas". Nosso respeito pela diferença e a certeza de que esta diferença não diminuirá a capacidade e a inteligência ao longo de vossas vidas.



Aqui as crianças Surdas quando da apresentação pela primeira vez da peça A Cigarra Surda e as Formigas

AGRADECIMENTO

As professoras Carmem Elisabete de Oliveira e Jaqueline Boldo, a APADA de Erechim e FENEIS, agradecem e parabenzam a direção e funcionários da CORAG pela parceria nesta edição.

Este é um exemplo que louvamos e que fica gravado em nossos corações.



Sob orientação, crianças criaram um formigueiro em sala de aula

Apresentação

Aceitei com muita honra fazer uma das apresentações deste Livro. Aliás, em nossa região, pela primeira vez está sendo realizado um trabalho desta envergadura.

Há oito anos, quando o Dr. João Elmar de Oliveira, Médico Otorrinolaringologista nos deu a notícia de que tínhamos um filho surdo, naquele momento, todos os males do mundo haviam caído sobre minha cabeça. Com calma e sabedoria, naquele mesmo dia, à noite, veio até meu escritório e explicou-me o que era ter um filho surdo. As fases foram sendo vencidas paulatinamente e encaramos a nova realidade. Sim digo: de um filho surdo, vieram outros, 1,2,3..... e assim por diante, isto é, iniciamos uma longa caminhada junto com outros pais, outros surdos e alguns amigos.

Experimentamos o árduo e penoso caminho, ou seja, estar ao lado das minorias. O Brasil, embora tardiamente, vem caminhando na direção certa no que diz respeito ao tratamento para com estes brasileiros. Soubemos dos avanços, principalmente depois da oficialização da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) feita em 2002 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. Porém, muito ainda há de se fazer e avançar.

Num momento turbulento em relação à educação de surdos em nosso município, eis que surge a brilhante idéia das professoras Carmem Elisabete de Oliveira e Jaqueline Boldo (Surda) em transformar num livro a história da "Cigarra Surda e as Formigas", apresentado em teatro na Semana do Surdo. Esta dedicação, ação voluntariosa e dignificante para com os nossos irmãos surdos, vem ao encontro daquilo que pregamos. Todos sabem da nossa luta em qualificar a educação para nossas crianças.

Graças ao empenho e dedicação de pessoas a exemplo das nossas professoras, estamos obtendo avanços espetaculares, principalmente, elaborando novos planos de ensino e deixando de lado as "mazelas" de um ensino precário.

Defendo com veemência mudanças de métodos, procedimentos pedagógicos e outros avanços e, isto, já é um fato concreto. Quando as crianças surdas de hoje crescerem, forem adultas, saberão o quanto este momento foi importante. Esta nova visão de educar, ensinar, não passa somente pela LIBRAS, fosse assim, antes dela, como nossos Surdos teriam aprendido?

Atitudes como esta são de relevância singular para que, num, futuro bem próximo tenhamos realmente efetivada a igualdade da qual todos falamos.

Não podemos e não devemos fazer somente o básico, precisamos, isto sim, ir além do cotidiano, isso vale para qualquer profissão. Portanto, parabéns a esta brilhante idéia e, que, isto sirva para que novos procedimentos em benefício do surdo sejam efetivados em nossa escola, em nossa instituição e, principalmente em nossa sociedade.

Nadir Pereira da Silva
Presidente da APADA Erechim

Apresentação

Estudos comprovaram que a história para crianças é importante como fonte de prazer, e como suporte para seu desenvolvimento em todas as áreas: cognitiva, afetiva e social, com a criança surda não é diferente: é através das histórias em Língua de Sinais que demonstra emoções e sentimentos importantes como: tristeza, raiva, medo, alegria... que percebe o mundo dos conflitos, e as soluções encontradas, observando, comparando os personagens de cada história. Além disso entretém, desperta a curiosidade, a imaginação.... disponibiliza uma série de questões que contribuem para seu desenvolvimento.

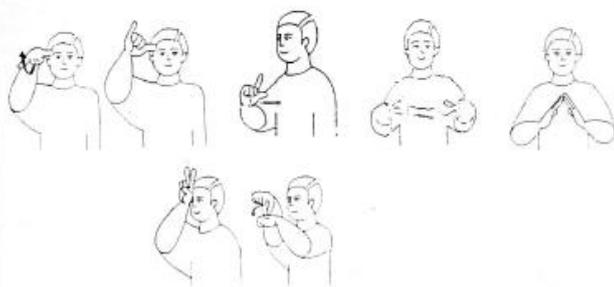
A preocupação em fazer uma obra para crianças surdas, surgiu da questão que a maioria nascem em lares ouvintes e não têm acesso a Língua de Sinais, às histórias infantis antes de chegar à escola. Sabendo da importância delas para as crianças desenvolvemos um projeto que contemplou uma história adaptada, e que foi muito bem recebida pelos surdos.

A história da "Cigarra Surda e as Formigas", foi adaptada com objetivo de valorizar e divulgar a cultura surda. O trabalho em sala de aula, utilizando a LIBRAS, a "SINGWRITTING", e o português na modalidade escrita trouxeram excelentes resultados.

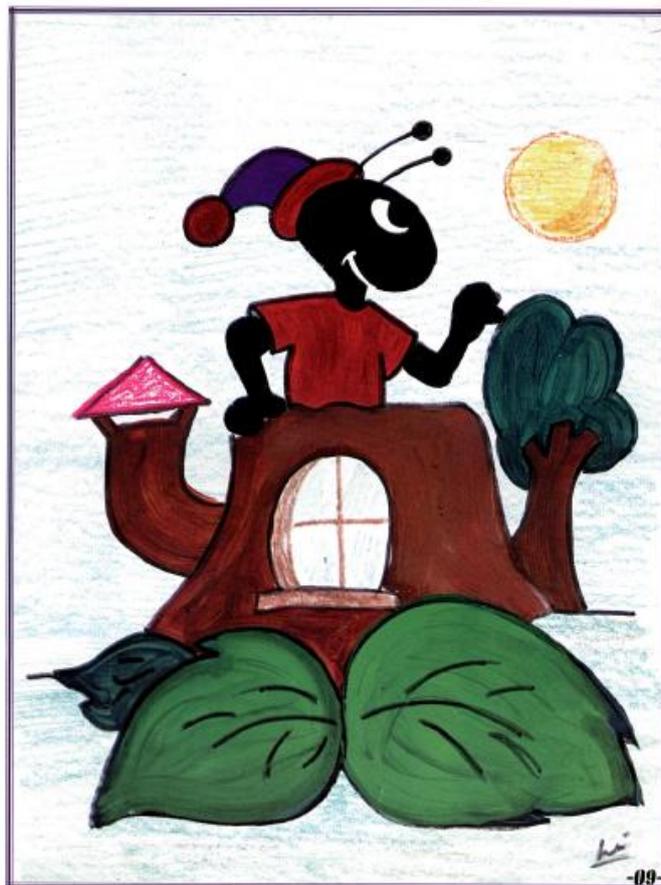
O entusiasmo das crianças foi contagiante, a história logo virou peça de teatro e foi apresentada na Semana do Surdo, fazendo muito sucesso.

É com muita alegria que estamos tornando este trabalho público, pois ele é fruto de uma prática que deu certo e valorizou o surdo como ser integral. Espero que este seja um incentivo para que outros profissionais, se disponham a ampliar e contribuir com o mundo da criança surda através das histórias infantis.

Carmem Elisabete de Oliveira
Professora de Surdos

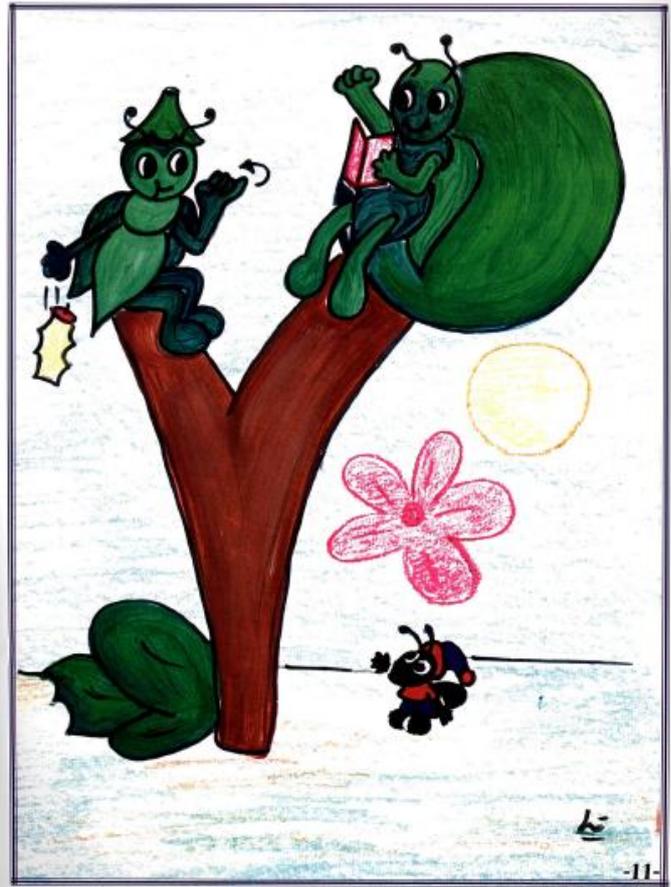


Numa fazenda, tinha vários formigueiros.

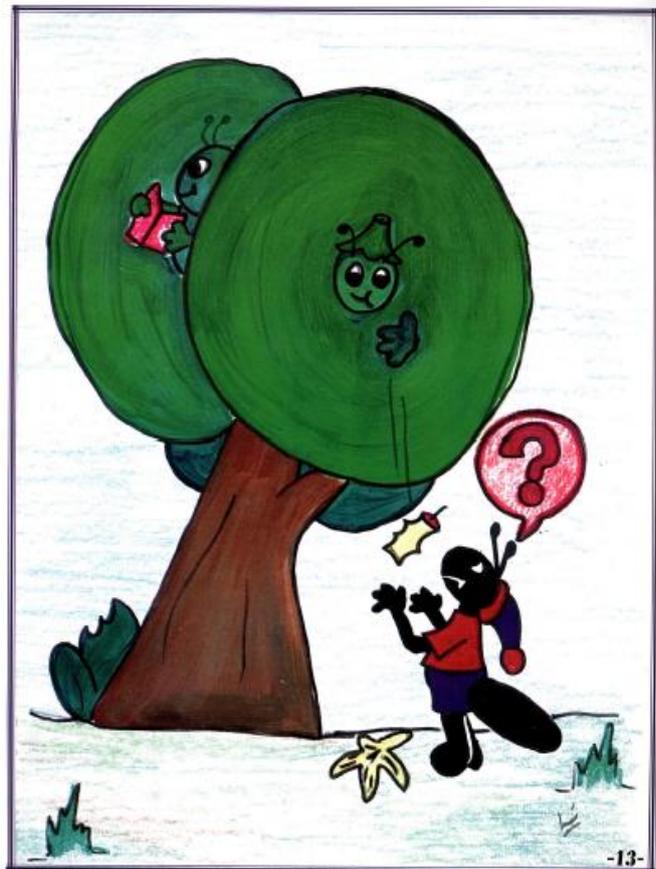


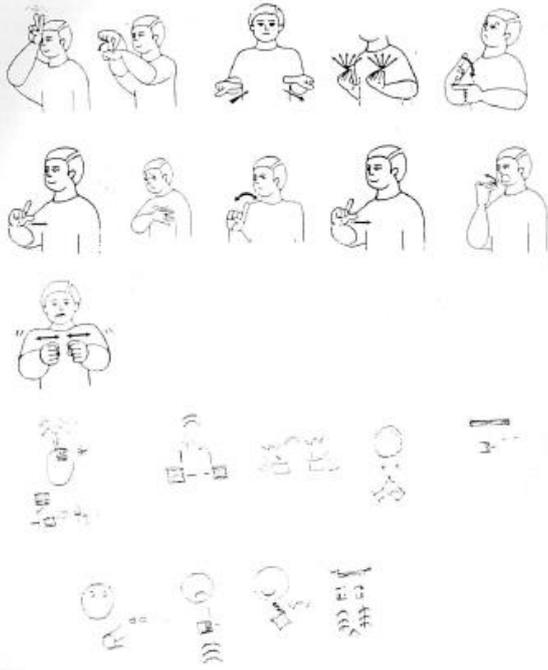


Na macieira moravam 2 cigarras.
 Uma era surda e adorava ler e comer maçãs;
 a outra estava sempre estudando a língua de sinais.



As formigas não gostavam da sujeira que as cigarras faziam.
 Quando uma formiga foi reclamar, descobriu que uma cigarra era
 surda e usava língua de sinais, e pensou:
 Coitada! Não fala.





As formigas trabalhavam muito porque tinham medo de não terem comida no inverno.

-14-

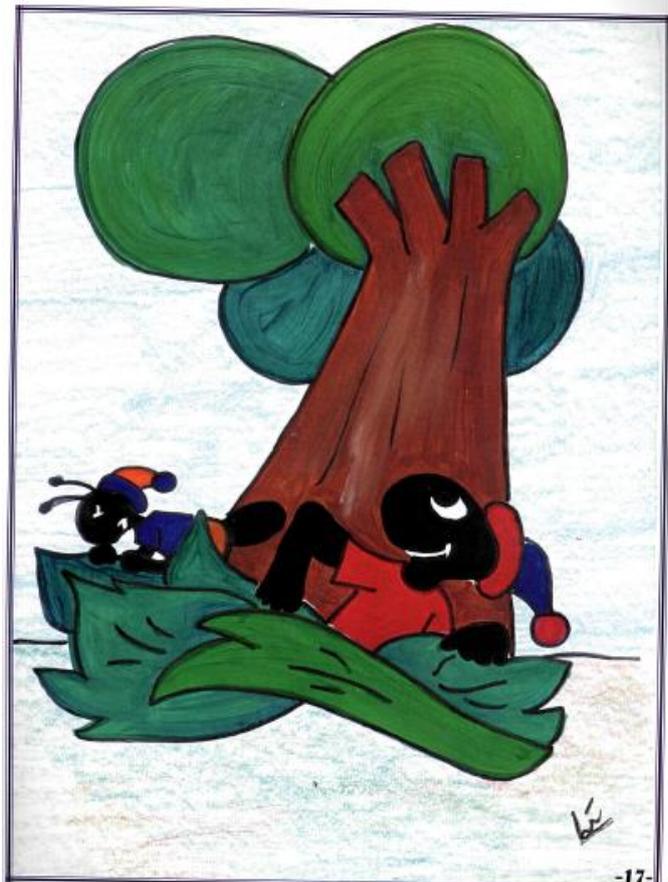


-15-

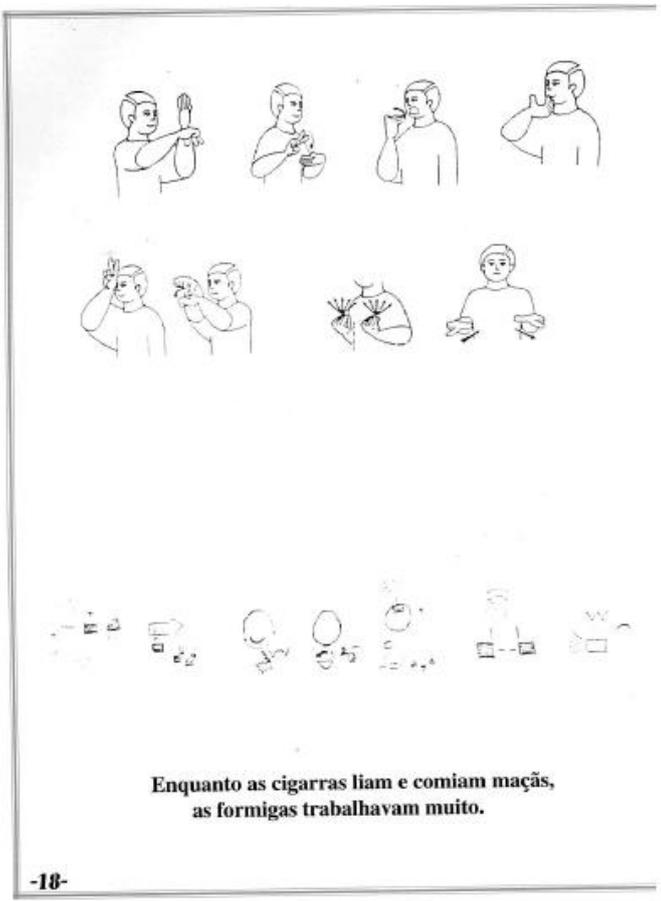


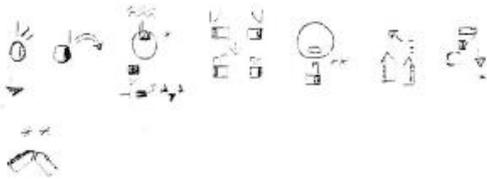
Uma formiga sempre olhava as cigarras conversando em sinais, e tinha muita vontade de aprender. E outras formigas desprezavam, achavam muito estranha aquela comunicação.

-16-



-17-



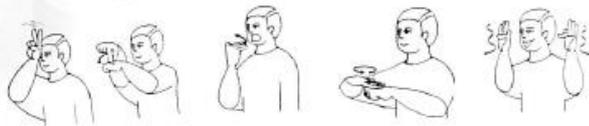


Um dia, as formigas perceberam que estava frio,
e correram para dentro de casa.

-22-

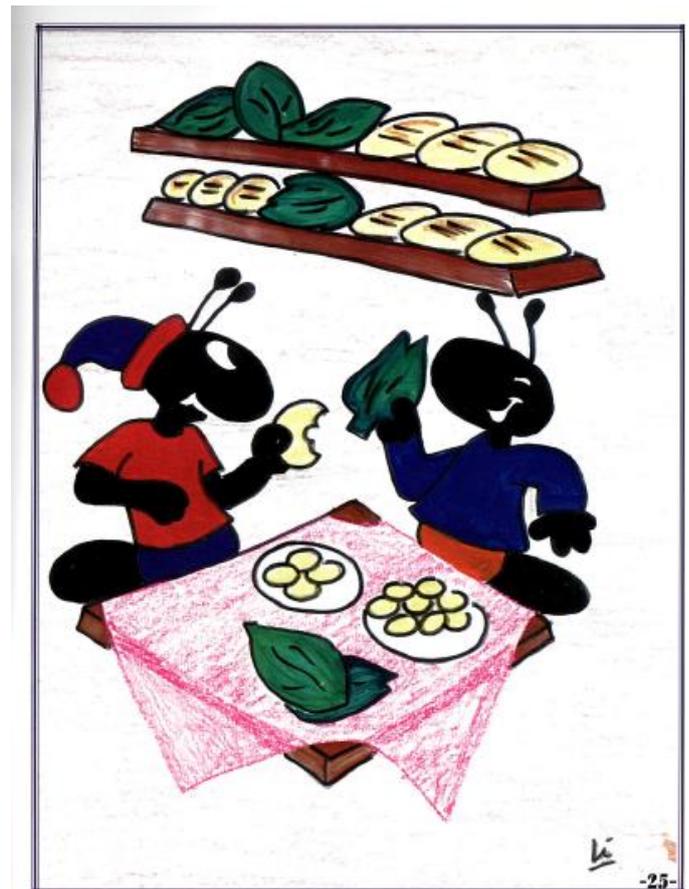


-23-

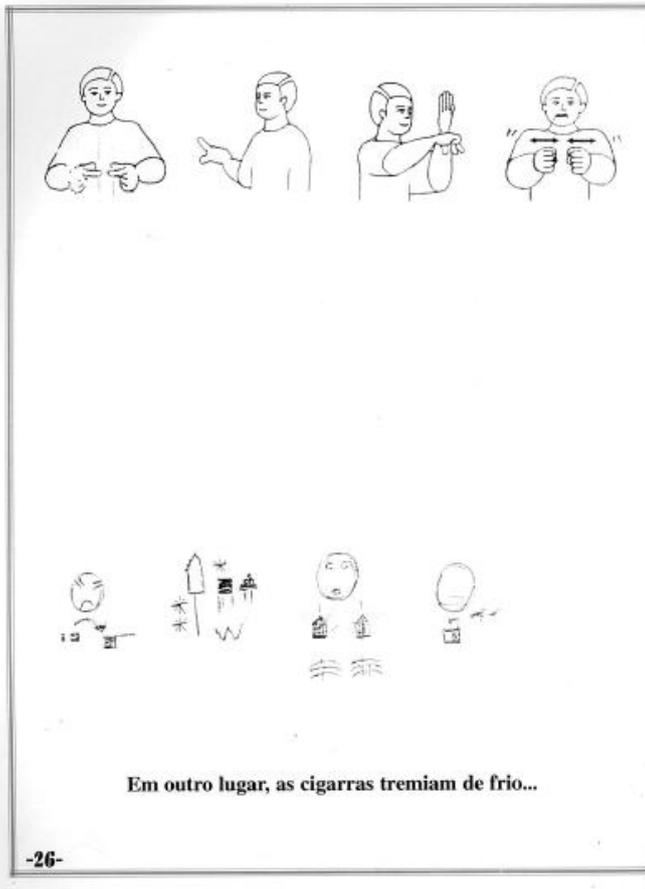


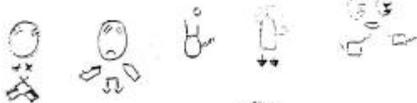
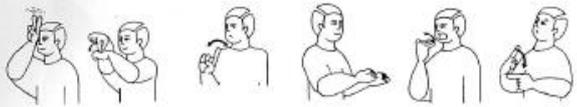
As formigas comiam, e conversavam felizes.

-24-



-25-



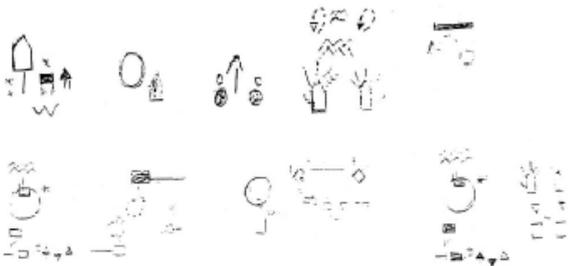


Bateram na porta, mas a formiga não deu comida, porque no verão elas só queriam brincar, e não ensinaram a língua de sinais.

-30-

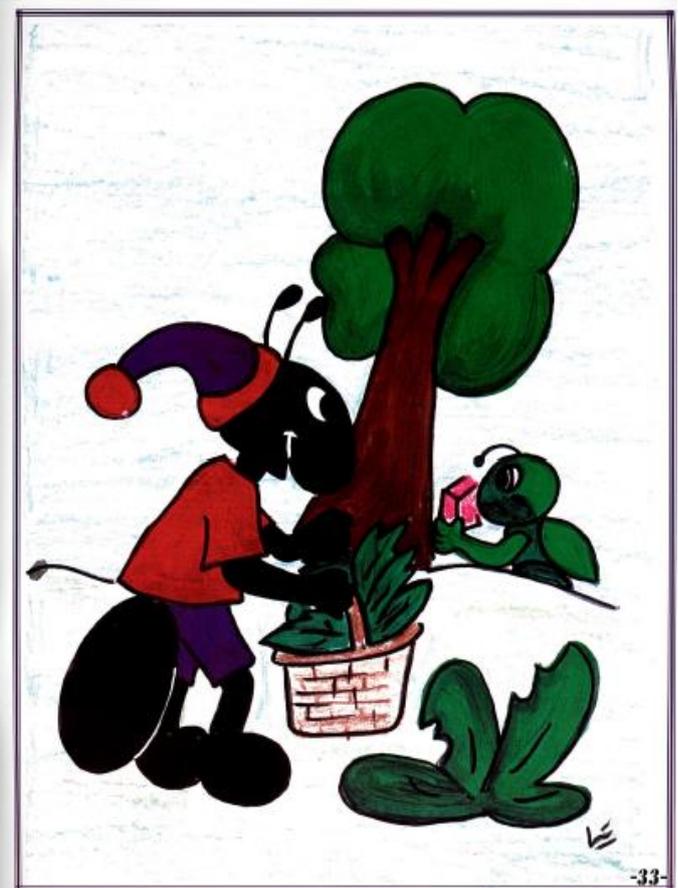


-31-

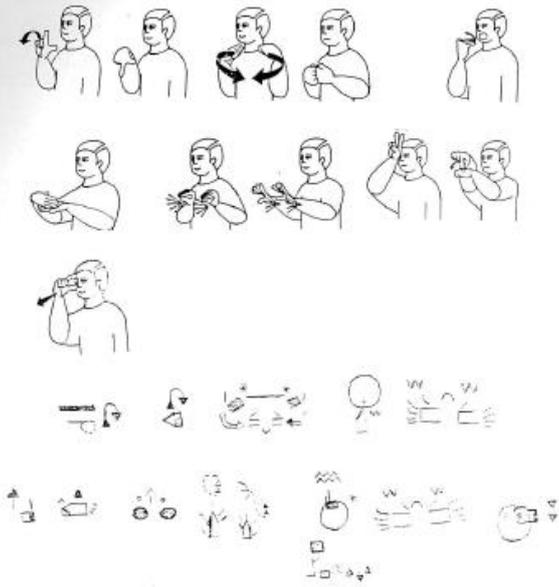


A cigarra prometeu que ensinaria a língua de sinais para todas as formigas, em troca de comida e agasalho. A formiga aceitou.

-32-



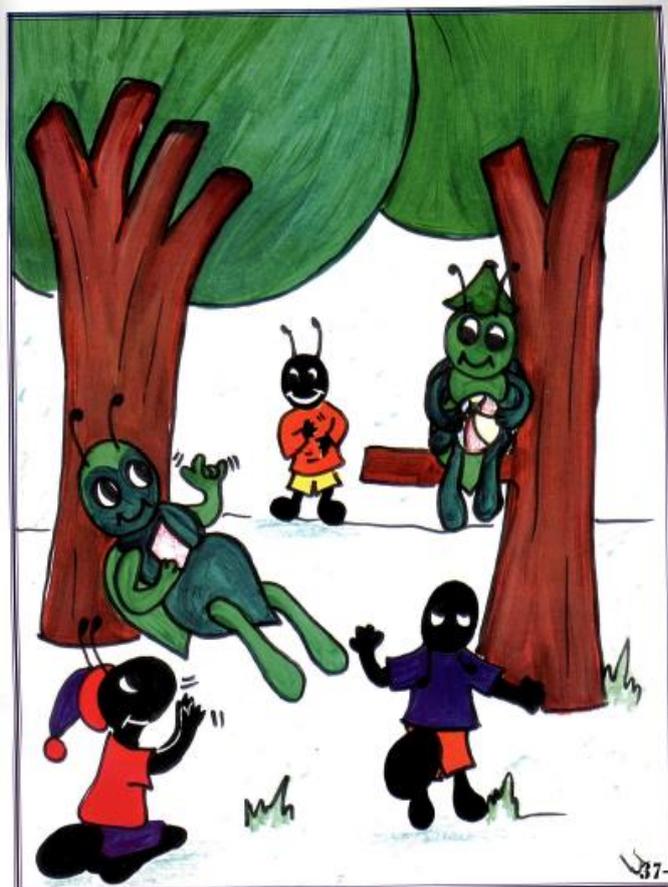
-33-



Depois de colocarem agasalhos e comerem muito, elas começaram a ensinar a língua de sinais. As formigas estavam muito interessadas.



Quando chegou o verão, as formigas já sabiam comunicar-se em sinais, e eram muito amigas das cigarras.





Amiguinhos precisamos respeitar as diferenças.



A Corag - Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul é responsável pela impressão e circulação do Diário Oficial do Estado, Diários da Justiça Federal do Rio Grande do Sul, Justiça do Trabalho, da Indústria e Comércio e do Diário Oficial de Porto Alegre. A empresa publica todos os atos do governo, conferindo transparência à administração pública.

Hoje, passadas mais de três décadas de existência, a Corag, vinculada à Secretaria Estadual da Administração e dos Recursos Humanos, vive um período de reconstrução. Os investimentos em tecnologia e, acima de tudo, em recursos humanos são prioridade na nova estratégia da Companhia para suprir as exigências do mercado com a máxima eficiência e contribuindo efetivamente com a responsabilidade social.